



**FEPEG**

FÓRUM DE ENSINO,  
PESQUISA, EXTENSÃO  
E GESTÃO

TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS

23 A 26 SETEMBRO DE 2015  
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

ISSN 1806-549X

A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO



## LEMBRANÇAS DA ÁFRICA NA VOZ DA ESCRAVA MÃE SUSANA, NO ROMANCE ÚRSULA

*Rosangeli de Fatima Batigniani, Regina Célia Lima Caleiro*

### Introdução

Este texto é parte da minha dissertação de mestrado intitulada *Caminhos Entrecruzados: História, Escravidão e Literatura em Joaquim Manuel de Macedo e Maria Firmina dos Reis*, que está sendo desenvolvida pelo programa de mestrado em História Social, pela Unimontes, sob a orientação da professora Doutora Regina Célia Lima Caleiro e financiada pela CAPES.

Essas obras têm como tema principal a escravidão, esse abordado por muitos intelectuais em suas produções literárias em especial no Brasil. Este texto contemplará o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, no qual faremos um recorte da narrativa sobre a escrava Mãe Susana, e suas lembranças de sua terra natal - África. Maria Firmina dos Reis nasceu em 11 de outubro de 1825 em São Luis, capital da província do Maranhão. Era mulata, bastarda e nunca frequentou a escola, era autodidata. Segundo pesquisas, seu conhecimento se fez por meio de leituras. Ao escrever o romance *Úrsula* em 1859, usou o pseudônimo “uma maranhense”, estratégia esta muito usada naquele tempo principalmente por mulheres, como uma forma de maior liberdade para expressarem suas ideias. A romance *Úrsula* aborda o tema escravidão, onde a autora por meio de sua escrita denuncia o sistema escravocrata e a sociedade patriarcal do século XIX.

### Material e Método

#### A. Material Utilizado.

Utilizamos para a pesquisa duas obras literárias publicadas no século XIX, *As Vítimas Algozes: quadros da escravidão* (1869), de Joaquim Manuel de Macedo e *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis. Também como suporte teórico foi utilizado o autor Roger Chartier [1] que indicou que ao trabalharmos com fontes tributárias da literatura devemos estar atento as várias formas de ler à narrativa.

#### B. Metodologia

Fizemos um percurso historiográfico no tocante no entrelaçamento da história da literatura, fontes que vão balizar a pesquisa. Caminhos metodológicos no viés das representações foram utilizados como suporte teórico para entendermos como as personagens escravos são representadas pelos autores. Os procedimentos adotados para a pesquisa são referenciais teóricos, que abordam o tema, a escravidão. A utilização de fontes documentais, dentre elas, as obras *As Vítimas Algozes* e *Úrsula*.

### Discussão

O romance *Úrsula* trata de uma trágica história de amor entre os jovens *Úrsula* e o bacharel Tancredo, este romance pode ser considerado como a “água com açúcar”, mas para nós o diferencial da obra está no tratamento que a autora dá ao escravo. Maria Firmina constrói personagens escravos representados como seres bons, dotados de virtudes. O escravo em sua obra recebe um tratamento humanizado, e é repleta de sentimentos como a escrava Mãe Susana, que na narrativa expressa sua lembrança da África. É ela que vai abrir os olhos do jovem escravo Túlio sobre a questão da liberdade. Mãe Susana era uma africana que vivia em plena felicidade junto aos seus familiares na África, até o dia em que foi capturada e jogada em um navio como mercadoria humana.

Por meio de suas lembranças ficamos conhecendo uma África como um lugar onde as comunidades viviam em comunhão com a liberdade, com a natureza e com abundantes roças de milho, inhame e amendoim. A voz da escrava Mãe Susana torna-se, no decorrer da narrativa uma denúncia dos horrores cometidos aos escravos desde sua captura até viagem para o Brasil. Sua fala acontece no momento em que o escravo Túlio é alforriado. A alforria de Túlio é decorrente de um momento de gratidão por parte de Tancredo que ao sofrer um acidente é salvo pelo escravo. Mãe Susana, dirigindo-se ao escravo Túlio, em tom sarcástico diz – Tu! Livre? Ah não me iludas! – exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. Meu filho, tu és livre? Liberdade! Liberdade... Ah! Eu a gozei na minha mocidade!



– continuou Susana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu [2].

O jovem escravo ouve com zelo a história da velha escrava, que movida pelas lembranças tenta mostrar a ele o verdadeiro sentido da liberdade. Para Mãe Susana, Túlio ao ser alforriado por Tancredo continuará escravo, pois deverá o escravo sentir-se preso ao jovem Tancredo, constituindo-se aí uma relação de gratidão. A velha escrava começa a falar para Túlio sobre seu cativeiro, que representava o tormento da separação dos entes queridos para embarcar em uma longa e penosa viagem rumo ao desconhecido. A narrativa de Mãe Susana do seu aprisionamento e crueldade com foi tratada pelos mercadores de humanos, é o ponto alto do romance, pois é uma voz que lamenta o desenraizamento da sua pátria, obrigando-a deixar para sempre seu esposo, sua filha e o mais importante sua liberdade. Assim Mãe Susana relata a Túlio. Segundo Reis “Ainda não tinha vencido cem braços de caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas [...]. E logo dois homens apareceram e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! [...], supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade e olharam-me sem compaixão, os bárbaros sorriam das minhas lágrimas julguei morrer” [2]. E ainda: A narrativa de Mãe Susana nos leva a pensar que Maria Firmina ao compor a personagem, procurou verdades nas histórias que possivelmente tenha escutado das negras devido seu contato com escravas que trabalhavam com sua madrinha com quem morava na Vila de Guimarães/MA. [3]. A viagem nos tumbeiros é descrita por Mãe Susana de forma violenta “Meteram-me a mim e mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativeiro no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revoltas fomos acorrentados como animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa” [2].

Nesse excerto podemos perceber como Maria Firmina se apropriou da História para colocar na voz de Mãe Susana um discurso antiescravista, tornando-a um “elo vivo da África” [2]. Mãe Susana continua a contar para Túlio como eram tratados com tamanha atrocidades “Davam-nos água imunda e podre e dada com mesquinhez, a comida má e mais porca, vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros por falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfisiados e famintos! Muitos não deixavam chegar esse último extremo – davam-se à morte.” [2].

Para a velha escrava Mãe Susana a dor da perda da pátria, dos entes queridos, da liberdade que gozava em plenitude, foram deixadas para trás mediante atrocidades vivenciadas no navio que a trouxe para uma vida de tormentos em um mundo diferente da sua África. Maria Firmina ao dar voz aos escravos, em especial a Mãe Susana permite que se tornem personagens imbuídos de sentimentos e de uma forma humanizada denunciem a sociedade escravocrata que faziam dos negros escravos seres desenraizados, aprisionados, vendidos, revendidos, e escravizados. Destarte, Maria Firmina coloca Mãe Susana como a voz daqueles que se calaram ao serem arrancados de suas terras.

## Considerações finais

As obras as quais são fontes desta pesquisa possibilitaram analisar como os autores dois literatos do oitocentos pensavam a sociedade escravocrata e como apresentam em seus romances vozes abolicionistas.

## Referências

[1] CHARTIER, Roger. *A nova história cultural existe?* In: PESAVENTO, Sandra, História e linguagens, Rio de Janeiro: sete Letras, 2006, pp. 29-44

[2] REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula: A Escrava*. Atualização do texto e posfácio de Duarte, Assis Eduardo. Florianópolis: Mulheres: Belo Horizonte: PUC – Minas, 2009.

[3] MUZART, Zahidé Lupinacci. *Uma pioneira: Maria Firmina dos Reis*. Muitas Vozes, Ponta Grossa, v.2, p. 247-260, 2013.